

LÍNGUA: MODALIDADE ORAL/ESCRITA

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - São Paulo - USP

Resumo: Neste texto, discutem-se as modalidades oral e escrita da língua. Propõe-se revisão do conceito prévio socialmente estabelecido de que a escrita se sobrepõe à oralidade, partindo do pressuposto de que as duas modalidades adquirem seu valor pelo uso.

Palavras-Chave: Língua, Fala e escrita, Gênero discursivo.

As duas modalidades da língua portuguesa, a oral e a escrita, são vistas como práticas sociais, já que o estudo das línguas se funda em usos (MARCUSCHI, 2001, p. 16). Essas modalidades não devem ser vistas de forma dicotômica, mas fazendo parte de um *continuum* tipológico que vai do texto mais formal ao mais informal, tendo como perspectiva o gênero discursivo (conversação, carta familiar, entrevista de televisão, relatório, conferência, artigo de divulgação, artigo científico) que está sendo observado. A oralidade e a escrita são, portanto, práticas e usos da língua com características específicas, pois apresentam condições de produção distintas. Desse modo, os usos da língua merecem um olhar significativo por parte dos estudiosos e profissionais que trabalham em educação, pois o que determina a variação linguística (formal, informal, culta, popular etc.), em todas as suas manifestações, são os usos que fazemos da língua. Assim, são as formas que procuram adequar-se aos usos, e não o inverso.

Em nossa sociedade, a escrita, como manifestação formal dos diversos tipos de letramento¹, é mais do que uma tecnologia. Ela passou a ser um bem social indispensável para que possamos viver e enfrentar o dia a dia, principalmente, nos centros urbanos não por virtudes próprias, mas pela forma como se impôs nas sociedades modernas e impregnou culturas. Na visão

1. Letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita, em contextos informais e para usos utilitários; por isso, é considerado um conjunto de práticas sociais, isto é, letramentos. Distribui-se em graus de domínio, que vão desde um patamar mínimo até um máximo. A alfabetização, por outro lado, é sempre um aprendizado mediante o ensino, mesmo que se dê à margem da instituição escolar. Compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de leitura e escrita.

de Marcuschi (2001, p. 17), “[...] sua prática e avaliação social a elevaram a um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder”.

A modalidade escrita não pode ser entendida como uma representação da fala, já que não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como prosódia, gesto, olhar. Por outro lado, a escrita caracteriza-se por apresentar elementos próprios, ausentes na modalidade oral, como o tipo e tamanho de letras, cores, formatos, que desempenham, graficamente, a função dos gestos, da mímica e da prosódia. Assim, oralidade e escrita são práticas e usos da língua com especificidades e condições distintas de realização, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos. Ambas possibilitam a criação de textos coesos e coerentes, permitindo a elaboração de exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais, entre outras.

Como manifestação da prática oral, a fala é adquirida de modo natural em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais que se estabelecem desde o momento em que o bebê tem seus primeiros contatos com a mãe. O aprendizado e o uso da língua natural são uma forma de inserção cultural e socialização. Já a escrita é a manifestação formal do letramento. Ela é adquirida em contextos formais, principalmente na escola, e apresenta caráter de maior prestígio como bem cultural desejável.

RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA

Para entender e analisar adequadamente um texto (falado ou escrito), precisamos identificar os componentes que fazem parte da situação comunicativa: falante – ouvinte/escritor – leitor. Também é preciso considerar as condições de produção de cada texto. São essas condições que possibilitam uma atividade interacional (ação social estabelecida entre os indivíduos) e são distintas em cada modalidade.

A fala apresenta várias características, entre as quais se destacam:

- ★ interação face a face (os interlocutores estão nos mesmos espaço físico e tempo);
- ★ planejamento simultâneo ou quase simultâneo à execução;
- ★ acesso imediato à reação do ouvinte;
- ★ possibilidade de redirecionar o texto, posteriormente.

A escrita, por sua vez, revela os seguintes traços:

- ★ interação à distância (tanto no espaço quanto no tempo);

- * planejamento anterior à execução;
- * não há possibilidade de resposta imediata;
- * o escritor pode modificar o texto a partir das possíveis reações do leitor.

Desses traços decorrem os aspectos específicos, conforme o gênero do texto produzido:

Oral: conversação espontânea, conversação telefônica, entrevista pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio ao vivo, noticiário de TV ao vivo, aula, exposição acadêmica, conferência etc.

Escrito: bilhete, carta familiar, cartas ao leitor, entrevistas, volantes de rua, notícias de jornal, telegrama, ata de reunião, carta comercial, narrativas, editorial de jornal, manuais escolares, bulas, receitas em geral, artigo científico, leis, relatórios técnicos, textos acadêmicos etc.

Passemos, agora, a observar um trecho de um texto oral retirado do projeto NURC/SP², como o segmento (1), colocado a seguir:

2. Projeto de estudos do português brasileiro culto falado na cidade São Paulo, coordenado por Dino Preti.

(1) - TEXTO FALADO

Opinião sobre veículos de comunicação

L2 bom... o... eu tenho impressão que o rádio provocou uma revolução...no país na medida que:... ahn principalmente o rádio de pilha né? quer dizer o rádio de pilha representou a quebra de um isolamento do homem do campo principalmente quer dizer então o homem do campo que NUNca teria CONdição de ouVIR:: faLAR:: de outras coisas... de outros lugares... de outras pessoas entende? através do rádio de pilha... ele pôde se ligar ao resto do mundo saber que existem outros lugares outras pessoas que existe um governo que existem atos do governo... de modo que:: o rádio eu acho que tem um papel até... numa certa medida... ele provocou pelo alCANce que tem uma revolução até maiOR do que a televisão... o que significou a QUEbra do isolamento... entende? de certas pessoas... a gente vê hoje o operário de obra com o rádio de pilha debaixo do braço durante todo o tempo que ele está trabalhando... quer dizer se esse canal que é o rádio fosse usado da mesma forma como eu mencionei a televisão... num sentido cultural educativo de boas músicas e de... numa linha realmente de crescimento do homem se o Ministério da Educação cuiDasse realMENTe de que Estes veículos... de telecomunicações se colocassem a serviço da cultura e da educação seria uma beleza né?

(NURC/SP – D2 255 [diálogos entre dois informantes], linhas 708-731, p. 116-117).

Verificamos que o texto acima apresenta características próprias da língua falada, como:

a - Marcadores conversacionais (elementos típicos da fala que não integram o conteúdo do texto, apresentando valor tipicamente interacional): bom, eu acho que, quer dizer, então, entende? né?).

b - Marcas prosódicas (de pronúncia), tais como:

- ✦ alongamentos: ouVIR:: faLAR:: (marcado com ::) ;
- ✦ entonação enfática (exemplo anterior, marcado com letra em caixa alta);
- ✦ hesitações: na medida em que... ahn (uso do marcador ahn associado ao alongamento).

c - Repetição: o rádio de pilha né? quer dizer o rádio de pilha.

d - Correção: o rádio eu acho que tem um papel até... numa certa medida... ele provocou pelo alCANce que tem uma revolução até maiOr do que a televisão...

e - Paráfrase (relação de equivalência semântica): através do rádio de pilha... ele pôde se ligar ao resto do mundo saber que existem outros lugares outras pessoas que existe um governo...

(2) - TEXTO ESCRITO

Produzido por J. P. A., aluno do 1º ano do curso de Letras, da Universidade de São Paulo:

Eu tenho impressão de que o rádio provocou uma revolução no país, na medida em que o rádio de pilha, principalmente, representou a quebra de um isolamento do homem do campo, que nunca teria condição de ouvir falar de outras coisas, de outros lugares, de outras pessoas. Através do rádio de pilha. Ele pôde-se ligar ao resto do mundo, saber que existem outros lugares, outras pessoas, que existe um governo, que existem atos do governo. Assim, o rádio tem um papel importante nos meios de comunicação, pois seu alcance provocou uma revolução maior do que a televisão. Isso significou a quebra do isolamento de certas pessoas, pois hoje vemos o operário de obra com o rádio de pilha debaixo do braço, durante todo o tempo em que ele está trabalhando.

Se o rádio, que é um canal de comunicação, fosse usado da mesma forma que a televisão, numa perspectiva cultural, educativa, produzindo realmente o crescimento do homem, seria importante para a sociedade. Se o Ministério da Educação cuidasse de que esses veículos de telecomunicações se colocassem a serviço da cultura e da educação, teríamos uma população mais orientada e informada.

Na passagem para o texto escrito (texto 2), verificamos a realização das seguintes operações:

- ✱ eliminação de marcas estritamente interacionais e inclusão da pontuação;
- ✱ apagamentos de repetições, redundâncias, correções e introdução de substituições;
- ✱ substituição do turno (momento de fala de cada interlocutor) por parágrafos;
- ✱ diferenciação no encadeamento sintático dos enunciados;
- ✱ tratamento estilístico com seleção do léxico e da estrutura sintática, em um percurso do menos para o mais formal.

Depois de apontar as operações efetuadas na passagem do texto oral para o escrito e respeitando o mesmo gênero textual empregado na modalidade oral, podemos afirmar que as diferenças ou semelhanças entre as duas modalidades ocorrem em um *continuum* (e não em um grau de oposição), que vai do menos para o mais informal. Não se pode, portanto, fazer generalizações entre as duas modalidades da língua, sem que antes se estabeleçam análises exaustivas entre os gêneros correspondentes. O que aqui levantamos se refere somente à observação de um dos possíveis recortes no estudo das relações entre fala e escrita.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É comum ouvirmos a afirmação, segundo a qual é próprio à língua mudar, evoluir. Os estudiosos dizem que a mudança é um processo natural das línguas vivas e que, se esse processo não existir, a língua morrerá. Desse modo, para compreender o constante movimento da língua é preciso pensar que o uso leva a variações e estas produzem as mudanças.

Existem numerosas possibilidades de realização da língua, entre as quais há uma realização, falada ou escrita, que se aproxima mais do que prescreve a gramática normativa. As variedades linguísticas ocorrem devido a fatores inerentes ao próprio usuário, quanto aos dados relativos à situação de comunicação em que ele se encontra. Assim, há variáveis próprias do falante, que são sua origem geográfica e sua classe social, o que configura o que se pode entender como dialeto. Outros dados, porém, são típicos dos diversos contextos de comunicação em que o usuário se integra durante o seu dia. Esses são chamados de registros ou níveis de fala (PRETI, 1994) e se configuram pelo maior ou menor grau de formalidade ou informalidade.

Os motivos que levam à variação linguística originam-se em dois fatores: o usuário e o uso que ele faz da língua. Segundo Halliday:

Em determinada dimensão, a variedade de uma língua que um indivíduo usa é determinada pelo que ele é. Todo falante aprendeu, como sua L1 (uma designação para língua materna), uma particular variedade da língua de sua comunidade linguística e essa pode ser diferente em algum ou todos os níveis de outras variedades da mesma língua apreendidas por outros falantes como sua L1. Tal variedade, identificada segundo essa dimensão, chama-se dialeto (HALLIDAY, 1974, p. 105).

Os fatores relacionados ao falante que determinam/influenciam a fala de um indivíduo são: idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na comunidade. Quanto à situação de comunicação, os fatores são: ambiente, tema, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os falantes. Na perspectiva de Halliday et al. (1974), os registros distinguem-se quanto ao campo do discurso (área de operação da atividade linguística, isto é, o assunto), o modo do discurso (língua falada ou escrita), o estilo do discurso (coloquial ou polido). Na escrita, o tipo de texto e a finalidade da comunicação são elementos decisivos para a escolha do registro a ser utilizado.

No Brasil, não há uma “língua padrão” em moldes rígidos, como existe na Inglaterra, por exemplo; já que não se ensina uma pronúncia padrão e tampouco há diferença de valor quanto a usos regionais, relativamente à gramática e ao léxico. Na verdade, o que existe é um padrão ideal de linguagem, a que todos almejam alcançar, que tem como parâmetro a norma culta. Desse modo, os dialetos e registro são avaliados a partir do seguinte critério: se mais distante dessa norma, menor prestígio; se mais próximo, maior prestígio.

NORMA CULTA E NORMA POPULAR

A norma linguística é o resultado do uso de um dado segmento social e esse uso, tradicionalmente, é preservado e varia conforme as possibilidades de realização que o usuário faz da língua. Assim, um falante que tem conhecimento da prescrição linguística, enquadrará, com certeza, sua linguagem, o quanto possível, segundo essas regras prescritivas, dependendo da situação comunicativa.

De modo geral, um falante culto, em situação comunicativa formal, buscará seguir as regras da norma explícita de sua língua e ainda procurará seguir, no que diz respeito ao léxico, um repertório que, senão for erudito, também não será vulgar. Isso configura o que se entende por norma culta e que, conforme Preti (1999), apresenta as seguintes características:

- ✱ é a variante de maior prestígio social na comunidade;
- ✱ é realizada com certa uniformidade pelos membros do grupo social de padrão cultural mais elevado;

- * é a que cumpre o papel de impedir a fragmentação dialetal;
- * é ensinada pela escola;
- * é usada na escrita em gêneros discursivos em que há maior formalidade;
- * é a que mais se aproxima dos padrões da prescrição da gramática tradicional;
- * é a mais empregada na literatura;
- * é empregada pelas pessoas cultas em diferentes situações de formalidade.

As outras normas não são objeto de estudo ou ensino, nem contam com um meio de divulgação amplo. O conhecimento de suas características chega até nós por meio das descrições feitas por linguistas, que visam ao estudo de cada variedade da língua para saber mais sobre seu funcionamento. Em linhas gerais, as características linguísticas das normas culta e popular, conforme sintetiza Preti (1994), são:

NORMA CULTA

- * indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa;
- * uso de todas as pessoas verbais, com exceção, talvez, da 2ª. do plural, utilizada principalmente na linguagem dos sermões;
- * emprego de todos os modos verbais;
- * correlação verbal de tempos e modos;
- * coordenação e subordinação;
- * riqueza de construção sintática;
- * maior utilização da voz passiva;
- * grande emprego de preposições nas regências;
- * organização gramatical cuidada da frase.

NORMA POPULAR

- * economia nas marcas de gênero, número e pessoa;
- * redução das pessoas gramaticais do verbo;
- * mistura da 2ª. com a 3ª. pessoa no singular;

- ✱ uso intenso da expressão *a gente* em lugar de *eu* e *nós*;
- ✱ redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas, como a perda quase total do futuro do presente e do pretérito-mais-que-perfeito no indicativo; do presente do subjuntivo; do infinitivo pessoal;
- ✱ falta de correlação verbal entre os tempos;
- ✱ redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e da coordenação;
- ✱ maior emprego da voz ativa em lugar da passiva;
- ✱ predomínio das regências verbais diretas;
- ✱ simplificação gramatical da frase;
- ✱ emprego dos pronomes pessoais retos como objetos.

Em relação à língua falada, esse quadro é diferente no que diz respeito ao dialeto culto. Esse fato ocorre, porque a fala apresenta características típicas não só quanto à estrutura textual, seu modo de organização, por meio de turnos e tópicos discursivos, mas também quanto à própria organização do enunciado linguístico, porque nessa modalidade em decorrência do planejamento ser quase simultâneo à produção, ocorrem elementos como pausas preenchidas, hesitações, marcadores conversacionais, entre outros. Na visão de Preti (1999, p. 33), os falantes cultos “[...] até em situação de gravação consciente revelaram uma linguagem que, em geral, também pertence a falantes comuns”.

ORALIDADE E DISCURSO JORNALÍSTICO

Mudanças de atitude linguística, por parte dos indivíduos pertencentes à classe de prestígio, têm contribuído para que as formas orais ligadas às classes populares sejam incorporadas ao uso diário da linguagem urbana. Assim, verifica-se a presença de uma linguagem mais informal na mídia, participando de veículos de comunicação, como o rádio, a televisão e a imprensa:

- ✱ “Maluf e Covas se atacam no retorno à TV” (Folha de S. Paulo, 12.10.1998).
- ✱ “PSDB aliado a PT é burrice econômica” (Folha de S. Paulo, 11.10.1998).
- ✱ “Quem vence a guerra: o País ou o judiciário?” (Jornal da Tarde, 10.10.1998).
- ✱ “Jogada de mestre no Bradesco” (Isto é - dinheiro, 03.02.1999).

- * “Queimado, mas vivo: Clinton vai a julgamento no Senado; não há, porém, votos suficientes para garantir a perda do mandato” (Veja, 06.01.1999).
- * “Pré-Davis, Brasil escancara inferno astral. Às vésperas de pegar Canadá, país vê Guga em fase ruim, torneio desprestigiado e principal dirigente na mira da justiça” (Folha de S. Paulo, 15.09.2003).
- * “Gol contra de Nenê: PF liberta 259 escravizados numa fazenda do criador da mais moderna empresa aérea do país” (Veja, 17.09.2003).

A linguagem coloquial faz parte, de modo bem mais intenso do que no passado, das situações de comunicação mais variadas. E grande quantidade de seus vocábulos entrou para as páginas dos dicionários, ganhando *status* de norma lexical. Sua aceitação acabou chamando a atenção de jornalistas e escritores contemporâneos, como Nelson Rodrigues e Rubem Fonseca, por exemplo, que utilizaram várias marcas de oralidade, em seus respectivos estilos literários.

Não cabe fazer uma crítica à propagação da linguagem coloquial, pois tal atitude revelaria ignorar que todo fato linguístico é consequência de uma série de circunstâncias histórico-sociais, entre as quais pode-se ressaltar as políticas, com a abertura democrática e a descaracterização progressiva da linguagem falada do povo como “inferior” e “errada”. Essa linguagem adotada pelas pessoas cultas, em suas conversações diárias, tem demonstrado aos estudiosos seu caráter expressivo e, por isso, muitas vezes, uma expressão popular ou um vocábulo gírio nos surpreende sob o ponto de vista comunicativo e torna-se, em determinados contextos, a melhor forma de expressar algumas ideias, pelo menos, na linguagem oral.

A linguagem jornalística é bastante receptiva a essas transformações e é comum o jornalista fazer uso de formas populares, termos gírios, léxico característico da modalidade oral da língua, dado que contribui para a familiaridade do discurso, sendo também um dos responsáveis pelo fator envolvimento. De fato, a necessidade de criar um contexto para a notícia permite ao jornalista a liberdade de escolha de uma variante ou mesmo de uma certa mistura entre linguagem culta e popular, como se pode verificar nos exemplos:

- * “Ao gosto do freguês: Hollywood recorre às pesquisas de mercado para dar ao espectador o que ele quer ver” (Veja, 03.03.1999).
- * “A pancada que vem aí” (Veja, 07.10.1998) - título relativo ao ajuste fiscal do governo.
- * “Você o bolso da vez” (Veja, 10.03.1999) - Manchete relativa a pacote econômico, que poderia gerar mais recessão e desemprego.

- * “Um governo infestado de gafanhotos. Com dúzias de autoridades e 5000 cidadãos humildes, Roraima recria a praga da corrupção” (*Veja*, 17.09.2003).
- * “Coadjuvantes de Parreira roubam a cena na rodada” (*Folha de S. Paulo*, 15.09.2003).

A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO ORAL E DO TEXTO ESCRITO

Por conter muitos elementos pragmáticos (pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, correções, repetições, truncamentos etc.), a língua falada foi considerada durante muito tempo, até meados dos anos 1960, como o lugar do “caos”. Entretanto, com o surgimento das pesquisas sobre o texto, o enfoque dos estudos vai-se direcionando para o processo de produção e não apenas do produto textual. A linguagem deixa de ser vista como simples verbalização, passando-se a focar as condições de produção de cada atividade interacional oral ou escrita.

Para se estudar a língua falada, é fundamental analisar como se instaura uma conversação espontânea, prática social que se evidencia no cotidiano do homem. A conversação pode ser definida como uma atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios da vida diária. Eles organizam sua fala em turnos, que se alternam sem uma disposição fixa, o que caracteriza o evento em relativamente simétrico (quando os participantes alternam constantemente seus turnos) ou relativamente assimétricos (quando um dos interlocutores permanece com a palavra por mais tempo que os demais).

A ocorrência de um evento de fala em um determinado tempo e situação social, seja face a face, por telefone, via internet entre outras, é uma prática constante em nossa sociedade. Além disso, é possível detectar-se interatividade em todas as práticas conversacionais, dado que ocorre envolvimento entre os participantes em uma dada situação discursiva. A atividade conversacional deve ser considerada um processo que se realiza continuamente durante a interação e só assim é identificável. É durante a interação e por causa dela que se criam efeitos de sentido, constituindo um fluxo (movimento de avanço e recuo) de produção textual organizado. De modo geral, podemos dizer que um evento comunicativo apresenta os seguintes aspectos significativos:

- * situação discursiva: formal (entrevista de seleção de emprego, interação entre médico e paciente, por exemplo), informal (conversa entre amigos);
- * evento de fala: casual, espontâneo, profissional (interação entre advogado e cliente, por exemplo), institucional (aula, conferência, por exemplo);

- * tema do evento: casual, prévio;
- * objetivo do evento: nenhum, prévio;
- * grau de preparo necessário para efetivação do evento: nenhum, pouco, muito;
- * participantes: idade, sexo, posição social; formação profissional, crenças etc.;
- * relação entre os participantes: amigos, conhecidos, inimigos, desconhecidos, parentes;
- * canal utilizado para a realização do evento: face a face, telefone, rádio, televisão, internet.

A seleção de um ou outro item, dentre os elencados, interfere nas condições de produção do texto falado, determinando a especificidade do evento discursivo. Observa-se que a produção de um texto falado corresponde a uma atividade social que requer a coordenação de esforços de pelo menos dois indivíduos que têm algum objetivo comum.

Para participar de atividades dessa natureza, são necessários conhecimentos e habilidades que vão além da competência gramatical, fundamental para decodificar mensagens isoladas, dado que as atividades conversacionais apresentam propriedades dialógicas que diferem das propriedades dos enunciados ou dos textos escritos. De fato, para interagir em uma conversação, é preciso que os participantes consigam inferir do que se trata o evento e o que se espera de cada interlocutor.

As características apresentadas permitem afirmar que o texto conversacional é criação coletiva, pois produzido não só interacionalmente, mas também de forma organizada.

A ESTRUTURA DO TEXTO FALADO

Devido ao caráter de imprevisibilidade em relação aos elementos estruturais, o texto falado deixa entrever o seu processo de organização, tornando-se possível perceber sua estrutura, bem como suas estratégias organizacionais. Desse modo, observam-se nessa modalidade textual muitos cortes, interrupções, retomadas, sobreposições etc., deduzindo-se que o sistema da língua é o mesmo para a fala e para a escrita, sendo as relações sintáticas de outra ordem. Essa afirmação pode ser comprovada por meio de várias ocorrências de textos falados, dentre os quais podemos destacar a seguinte: L1 fala sobre a atividade do engenheiro, principalmente, no que se refere à construção de casas para a população de modo geral, evidenciando que, com o desenvolvimento do campo da habitação, o trabalho na área de engenharia está tendo bastante procura:

(3)

L1 ... agora o engenheiro entra com a parte dos cálculos né?...o que é meLHOR colocar que Tipo de matéria prima é meLHOR colocar ali... ele faz todos os cálculos depois de adaptar perfeitamente à obra né?... está bom... como disse há pouco:: acho que esse ramo de construção... está ótimo hoje em dia né? está todo mundo querendo casa própria... e é preferível mesmo né?... que você hoje você paga um:... se você não tem possibilidade de ter uma casa própria imediata... é preferível então você pagando o correspondente ao aluguel ficar vinte anos pelo menos daqui a vinte anos você tem uma casa própria...

L2 bom mas diz que:... nos Estados Unidos é assim ... diz que o indivíduo ele:... ele paga trinta anos...então ele não tem aquela preocupação que NÓS brasileiros temos ... o brasileiro tem aquela preocupação de ter a casa própria logo em tempo curto... então diz que o americano não liga para isso o americano ele não quer saber... ele sabe que ele vai pagar trinta anos e:: seria como um aluguel... éh diz que agora... estão partindo para isso diz que o BNH está financiando a ... prazo a perder de vista mesmo entende?

L1 uhn uhn...

L2 é preferível assim... do que não ter

L1 certo...

L2 entende? eu acho que...há está havendo um maior desenvolvimento dentro do campo da habitação mesmo... então os engenheiros estão nessa parte habitacional...

(NURC/SP- D2 62: linhas 1149-1177, p. 88).

O desenvolvimento do texto falado, como se pode observar pelo exemplo acima, está diretamente ligado ao modo como a atividade interacional se organiza entre os participantes. Essa organização resulta de decisões interpretativas, inferidas a partir de pressupostos culturais e de conhecimento de mundo, tomadas durante o curso da conversação. A estrutura da conversação se organiza em diferentes níveis:

- * **local:** a conversação se estabelece por meio de turnos (produção de um falante enquanto ele está com a palavra) em que os interlocutores se alternam

e desenvolvem suas falas um após o outro, podendo haver momentos de hesitação, truncamentos, sobreposição de vozes ou tomada do turno do interlocutor (denominado assalto ao turno). Vejamos o segmento colocado a seguir:

(4)

L1 ... NÃO a:: a:: aula é pesada... mas a discu/ a análise da::do conceito de natureza...

L2 e sobre Graciliano? VoCÊ quer dar uma lida... eu peguei para o:: trabalho... mas também

preciso do::...

[

L1 OLHA o Theo...

L3 vocês são MEUS orgulhos ((risos))

L1 se aproCHEgue Menino!...

L3 Oi Cris... desculpem a deMOra...

L1 Mas... como eu tava dizendo aí ele pegou:: um texto de HE::gel/ é que eu quero saber

(Conversação Espontânea 6 - ANDRADE, 2001, p. 231).

Nesse segmento, o texto se constrói a partir da colaboração dos três participantes. Observam-se momentos de sobreposição entre os turnos de L2 e L1, bem como um momento de reformulação no primeiro turno de L1 “mas a discu/ a análise”.

Os turnos estabelecem uma relação em pares, em que o primeiro elemento do par sempre é condição para que o outro se realize, como por exemplo: pergunta-resposta, convite-aceitação, convite-recusa, saudação-saudação. Observe-se o trecho a seguir:

(5)

L1 você... já viu alguma coisa análoga numa... tribo primitiva?

L2 não porque aí não existe::... primeiro que (...)

(NURC/SP- D2 343: linhas 646-648, p.33).

- ★ **global:** ao mesmo tempo em que a organização local ocorre, a formulação textual obedece a certas normas de organização global, principalmente no que se refere à condução do tópico discursivo. Veja-se o trecho a seguir:

(6)

L1 outro dia...ahn:: foi depois que nós saímos do Gigio e eu deixei o Renato na Paulista... passei por aqui ((referindo-se ao Café)) com o Eduardo e a Mônica... eles gosTARAM muito...a Mônica não conhecia o local..

L2 é para limpar o biGOde?... ((apontando para a toalhinha que estava sob o açucareiro))

L1 Como?

L3 sabe o que é... é/ é que que Tenho uma prima... que... SEMpre serve café em Xícaras de porcelana com uma toaLHInha de crochê sob a xícara... então o Rodrigo sempre brinca com ela dizen::do se É para limpar o bigode... aí agora ele viu essa toalhinha cor-de-Rosa e lembrou da minha prima...

L1 é realmen::te parece que é para limpar o bigode... MAS sabe... a Mônica gostou basTAN::te do lugar... achou aconchegante...

L3 é bem gostosinho MESmo...

(Conversação Espontânea 4 - ANDRADE, 2001, p.191).

Nesse segmento, os interlocutores estão tomando café e L1 desenvolve o tópico discursivo “Visita ao Fran’s Café”, mas L2 faz a seguinte pergunta: “é para limpar o bigode?”. Como L1 não compreende, L3 resolve explicar o que está ocorrendo e conta uma situação que envolve uma toalhinha de crochê semelhante à que está diante deles.

Verifica-se que o objeto que provoca um desvio do tópico discursivo, caracterizado como digressão, está relacionado ao contexto situacional; entretanto, a referência ao objeto, feita por L2, não é compartilhada por L1. Dado que L3 percebe o que está ocorrendo, resolve explicar o que motivou a alteração do foco de relevância, assegurando que a interação não venha a sofrer conflito algum e que as relações interpessoais sejam mantidas. L1 faz um comentário em relação à situação narrada e, a seguir, volta a referir-se ao tópico que desenvolvia antes da digressão, introduzindo-o através de “mas” (marcador conversacional, elemento típico da fala que serve como reintrodutor do tópico): “MAS sabe a Mônica gostou...”. A análise desse segmento permite observar a movimentação do tópico discursivo que se inicia, contudo é interrompido pela digressão (introduzida pela pergunta de L2), sendo depois retomado por L3.

A ESTRUTURA DO TEXTO ESCRITO

A elaboração do texto escrito, assim como do texto oral, envolve um objetivo do locutor. Contudo, o entendimento desse texto não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas à percepção das marcas de seu processo de produção. Essas marcas orientam o interlocutor no momento da leitura, na medida em que são pistas linguísticas para a busca do efeito de sentido pretendido pelo produtor.

O texto escrito tem no parágrafo uma de suas unidades de construção. Essa unidade é composta de um ou mais períodos reunidos em torno de ideias estritamente relacionadas. Nos textos bem-formados, em geral, a cada parágrafo deve relacionar-se uma ideia importante, não havendo normas rígidas para a estruturação do parágrafo. De fato, o produtor pode fazer uso da paragrafação para marcar a sua intencionalidade.

Em termos práticos, os parágrafos podem ser indicados por recursos visuais: espaço de entrada junto à margem esquerda ou linha em branco na passagem de um parágrafo para outro. Embora a extensão do parágrafo seja variável, a observação mostra que a tendência moderna é a de não usar parágrafos muito longos. Quanto à estrutura, o parágrafo-padrão organiza-se como um pequeno texto (microtexto), apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão.

A variedade de textos implica a diversidade de construção de parágrafos (ANDRADE, 1994). Temos, então, a estrutura do parágrafo narrativo, a do descritivo e a do dissertativo. Enquanto o núcleo do parágrafo dissertativo é uma determinada *ideia* (ideia-núcleo ou ideia principal), o do narrativo é um *incidente* (episódio curto ou fragmento de episódio) e o do descritivo é um *quadro* (fragmento de paisagem, ambiente ou ser em um determinado instante, observado a partir de determinada perspectiva). Vejam-se os exemplos:

(7)

O terceiro protótipo do Veículo Lançador de Satélites (VLS-1) explodiu na plataforma do Centro de Lançamento de Alcântara (MA), matando ao menos 16 pessoas, segundo o governo. Outras estimativas falavam em mais de 20 mortos.

Ainda não se sabem as causas do acidente, o mais grave da história do programa espacial brasileiro. Havia pessoas na torre que envolve o foguete antes do lançamento quando ocorreu a explosão. Segundo o ministro José Viegas (Defesa), a causa mais provável é uma falha nos sistemas de ignição. (“Foguete brasileiro explode e mata 16”. *Folha de S. Paulo*, 23.08.2003, p.1).

(8)

A maioria dos grandes aeroportos internacionais parece um shopping center, tal a quantidade de lojas e restaurantes existentes em suas dependências. No Brasil, com exceção das lojas duty-free, o comércio aeroportuário sempre foi minguido. O Salgado Filho, em Porto Alegre, é um caso à parte. Ele foi transformado na primeira experiência daquilo que a Infraero, a estatal que administra a quase totalidade dos aeroportos brasileiros, apelidou de aero-shopping. Seu novo terminal, inauguração há nove meses, abriga 68 lojas, quatro lanchonetes, um restaurante, uma clínica médica e um cinema multiplex com três sessões pela manhã. Tudo isso está localizado antes dos balcões de check-in, para poder atender quem não vai viajar. O local já se tornou um passeio concorrido na capital gaúcha. (“Também tem avião”. Revista *Veja*, 26.06. 2002, p.72).

(9)

A evolução recente das tecnologias de informação e comunicação tem sido marcada por sérios conflitos de interesse. Em geral, trata-se de guerras pela dominação de mercados. E uma das frentes de batalha é o próprio sistema operacional, ou seja, os programas de computador usados para gerenciar máquinas e processos. A adesão de corporações e governos ao sistema Linux, que é livre e gerado coletivamente na internet, criou a mais séria ameaça ao poder de empresas como a Microsoft, cujo software é fechado. (“Software Livre”. *Folha de S. Paulo*, 23.08.2003, p.2).

No texto (7), o parágrafo é narrativo, já que se tem uma notícia sobre um fato real; desenvolve-se sob a influência do tempo cronológico (nos contos e romances narram-se acontecimentos reais que se desenvolvem a partir do tempo cronológico ou do psicológico) e inclui um procedimento: sequência de ações que se encaminham para um desfecho ou epílogo. O núcleo do parágrafo narrativo é, como já dissemos, um incidente. Não há frase-núcleo explícita:

O seu conteúdo é um *fiat*, um *devenir*, um instante no tempo, e, portanto, teoricamente imprevisível, tecnicamente impossível de antecipar. Lembra um instantâneo de película cinematográfica com a máquina posta em repouso para permitir a análise dos detalhes da ação. (GARCIA, 1973, p. 229).

No texto (8), tem-se um parágrafo descritivo, pois nele o locutor pretende apresentar as características e qualificações de certa realidade. Nota-se que sua estrutura é espacial e atemporal: a intenção é fixar, “fotografar”, tornar perceptível um determinado objeto: o aeroporto.

A ideia principal desse parágrafo é a diferença existente entre o aeroporto Salgado Filho e os demais existentes no país. A qualidade do texto repousa na percepção do observador que busca apresentar o objeto por meio de suas características particularizantes.

Em (9), o parágrafo dissertativo se inicia por uma frase-núcleo (também designada ideia-núcleo ou tópico frasal), que oferece maior legibilidade, visto funcionar como elemento desencadeador das ideias subsequentes. Essa frase-núcleo contém uma declaração inicial acerca da evolução das tecnologias de informação. A partir do segundo período, o autor passa a fazer considerações sobre o que ocorre no mercado da informática; expressando sua tese ou opinião sobre o que ocorre nesse setor atualmente.

A construção de um parágrafo bem estruturado exige que este apresente unidade, coerência, concisão e clareza, por tratar-se de uma interação à distância, em que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor, como ocorre no texto oral. Vejamos, então, esses conceitos:

- ★ **Unidade:** cada parágrafo pode conter somente uma ideia principal. As ideias secundárias devem estar relacionadas à principal, sem acréscimos ou digressões que possam quebrar a unidade pretendida.
- ★ **Coerência:** a organização do parágrafo deve ser feita de tal forma que fique evidente o que é principal. É indispensável que haja relacionamento de sentido entre a ideia principal e as secundárias desenvolvidas no texto.
- ★ **Concisão:** o parágrafo deve conter a quantidade de informação adequada ao objetivo do texto. A concisão, porém, não deve ser alcançada em detrimento da clareza.
- ★ **Clareza:** a escolha das palavras adequadas ao contexto concorre, em grande parte, para que o parágrafo se torne claro e a sua leitura possa ser feita de maneira eficiente, atingindo a compreensão.
- ★ **Encadeamento:** a transição de um parágrafo para outro não deve ser brusca; impõe-se um encadeamento lógico e natural entre eles. Em alguns casos, torna-se indispensável acrescentar ao texto um parágrafo de transição para que o encadeamento das ideias se faça de maneira coesa e harmoniosa. Entretanto, é aconselhável que o texto não apresente parágrafos repetitivos sem necessidade, pois a repetição pode interromper o fluxo informacional, tornando o material redundante e cansativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da proposta de estudo da língua portuguesa em suas modalidades oral e escrita, aqui apresentada, requer sérias reflexões por parte dos professores de língua materna e educadores em geral, e também uma nova visão do trabalho com a língua no dia a dia escolar.

Está claro que o professor não vai ensinar o aluno a falar, isto o aluno já o faz quando chega à escola. Na verdade, trata-se de identificar a riqueza e a variedade de usos da língua em suas duas modalidades, valorizando a linguagem presente nos textos falados pelos alunos como ponto de partida para a reflexão sobre a sua língua materna. Cabe ainda ao professor orientar o aluno, a fim de que este possa adequar a escolha de uma variedade (dentro de uma das modalidades) ao contexto situacional, objetivando criar um efeito de sentido e ser compreendido por seu interlocutor.

Se o professor organiza sua aula com base nos textos produzidos por seus alunos, analisa-os e os discute, a teoria será divulgada a partir da prática, e ele, o aluno, será não um simples espectador, mas um participante das atividades de linguagem desenvolvidas em classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ANDRADE, M. L. C. V. O. Unidades constitutivas do texto: unidade discursiva, parágrafo. **Diário de classe 3**. São Paulo: FDE – Secretaria do Estado da Educação, 1994, p. 41-51.

ANDRADE, M. L. C. V. O. **Relevância e contexto**: o uso de digressões na língua falada. São Paulo: FAPESP/ Humanitas, 2001.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

HALLIDAY, M. K. et al. Os usuários e os usos da língua. In: HALLIDAY, M. K. et al. **As ciências linguísticas e o ensino de língua**. Petrópolis: Vozes, 1974.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

PRETI, D. **Sociolinguística** – os níveis de fala. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

PRETI, D. **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, v. 2, 1999.

COMO CITAR ESSE TEXTO:

- ★ Andrade, M. L. C. V. de O. Língua: modalidade oral/escrita. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 50-67, v. 11.